

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

CARNAVAL

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO CINCO)

Contato: Fones 19 (R) 33011702 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Fevereiro de 2009

ÍNDICE

TÉCNICA DA MEDIUNIDADE.....	03
REFORMA ÍNTIMA SEM MARTÍRIO.....	03
AS MELHORES RESPOSTAS DO IMBASSAHY.....	07
CHICO E EMMANUEL.....	07
DEVASSANDO O INVISÍVEL	08
NOVAS MENSAGENS.....	08
VIDA E RENOVAÇÃO.....	09

Técnica da Mediunidade

C. Torres Pastorino

INTERFERÊNCIA – É a intromissão de uma onda estranha, no aparelho, perturbando a recepção. A Interferência pode ter diversas causas:

C) A terceira interferência (que difere da segunda por ser continuada) provém, quase sempre, da assistência, especialmente pela presença de pessoas totalmente descrentes, que duvidam e se opõem aos fenômenos, com seu pensamento. A assuada de ondas-pensamento pode ser tão forte, que impeça o recebimento de mensagens. Isso explica por que os médiuns, quando levados à ambientes hostis para “dar provas”, com freqüência nada produzam: não conseguem receber a onda irradiada, em vista das interferências existentes que a cobrem.

Essa também a razão por que nos dias de grande movimentação popular (por exemplo, durante o carnaval) não se devem realizar sessões mediúnicas: as interferências são muito grandes e podem perturbar totalmente os aparelhos receptores humanos, tal como centelhas muito violentas podem causar prejuízos sérios nos rádios e televisões, queimando resistências ou até válvulas.

Reforma Íntima

Sem Martírio

Ernance Dufaux – Wanderley S. de Oliveira

1o

Lições Preciosas com Dr. Inácio

“Aquele que, médium, compreende a gravidade do Mandato de que se acha investido, religiosamente o Desempenha.”

*O Evangelho Segundo o Espiritismo
Capítulo XXXIII - item 9*

Era véspera dos dias carnavalescos nas terras brasileiras, época de intensos labores entre as dimensões de vida física e espiritual. O Hospital Esperança por inteiro aprontava-se para o momento tormentoso. Cooperadores de variadas funções eram convocados em colônias e postos próximos, no intuito de prestarem serviço-extra a nossa comunidade. Nosso regime e plantão permanente.

Encontrávamos na tarefa de acolhimento a novos corações em sofrimento no pavilhão dirigido pelo bem humorado Dr. Inácio Ferreira (1). Médiuns e mais médiuns se aboletavam nas enfermarias em condições das mais lamentáveis.

A experiência de um dia nesse setor oferece-nos material para um livro de vastas proporções, considerando a grandiosidade das experiências ali recolhidas.

Dr. Inácio com a devoção de sempre atendia com louvor. Percebia-se nitidamente em sua face o desgaste proveniente das lutas daqueles dias, mas continuava firme e gracejante.

Em certo momento, fomos à ala que se compunha dos pacientes em condições medianas de melhoria. Chegamos juntos, Dr. Inácio sempre acompanhado por outros especialistas da vida psíquica, padioleiros e auxiliares. A equipe fazia-se de nove cooperadores, na qual também incluíamo-nos.

Júlio, médium recém-desencarnado há alguns meses, padecia naquele instante de crises vigorosas no campo mental que o assaltavam com idéias atormentadoras em torno dos vícios carnis.

A equipe dividiu-se em duas e ficamos com nosso diretor naquela tarefa de socorro.

Júlio mostrava-se inquieto, como fosse desfalecer. Uma energia de coloração fraca na cor acinzentada, com pequenos filetes arroxeados ao centro, emanava de sua garganta em direção ao corredor central daquela ala. Dr. Inácio deixou os auxiliares tomando providências ao sofredor e solicitou-me não perder a clarividência daquela hora, a fim de seguirmos "a faixa vibratória" que havia detectado. Andamos por mais de cem metros rumo as dependências de maior dor, nas quais eram colocados os doentes mais graves. Notamos que a coloração daquela exalação energética tomava conotações mais fortes, e podíamos agora ouvir vozes que saíam dela com clareza de definição, cujo teor era um pedido desesperado.

Seguindo a trajetória indicada por aqueles "raios de baixo teor", chegamos até um quarto onde estava sendo atendido um jovem. Medidas de contenção e calma eram tomadas para beneficia-lo. Foi uma tarefa longa que pediu-nos muito amor.

Já um tanto mais refeito, aproximamos daquele coração sofrido, que se dirigiu ao Dr. Inácio:

- Doutor, não vou agüentar, não vou agüentar isso. Esse tratamento não é para mim.

- Se acalme, Euzébio, para não perder a ajuda dessa hora.

- Desse jeito vou enlouquecer!

- Você está no lugar certo então, porque aqui somos todos mais ou menos loucos - como de costume, nosso diretor era pura jocosidade elevada, mesmo nos instantes mais sérios.

- Preciso de pelo menos uma "encostadinha"; o senhor não vai poder fazer isso por mim? E para onde foi levado o Julio? Por que esse arrancão de uma só vez? Nós nos dávamos tão certo!

- Meu amigo, não poderei lhe dar todas as informações que você quer saber. Quanto à "encostadinha", poderei providenciar, mas dependendo de sua recuperação.

- O senhor fala serio?

- E alguma vez eu falei algo brincando? - novamente com o sorriso de deboche, Dr. Inácio olhou para mim e deu uma piscadela de puro humor.

- Mas quem servira a mim, doutor?

- Palavra bonita usou você agora. Realmente utilizaremos outro instrumento, e ele nada mais fará do que servi-lo nas suas necessidades.

- Por quanta tempo poderei ficar ao lado dele?

- Quinze minutos!

- Mas doutor, isso não vale nada! Não dá para fazer nada nesse tempo.

- Exatamente! Você não vai fazer nada, quem vai agir dessa vez é o médium sobre você e não o inverso.

- Mas como doutor? E isso vai me apaziguar as sensações?

- Mais do que você imagina. Será um remédio temporário que vai te fazer enorme bem, mas ... Como já disse, você terá que mostrar o mínimo de condições para conseguirmos a autorização.

- Autorização?!

- Sim, aqui nada acontece sem autorização, ou você acha que vai poder continuar suas obsessões como bem quer? Se for assim tenho que lhe dar alta, porque o que não falta na Terra é gente querendo ser obsidiado...

- Não consigo entender, não consigo...

- Entenderá. Você é um rapaz esperto e inteligente! Dentro de três dias retornarei aqui para saber de seu estado. Antes disso nem pensar, porque o ambiente da Terra não tá para qualquer um nesses dias carnavalescos. A preferência é para os antigos "chefes e negociadores", que serão muitos deles socorridos nas várias atividades erguidas nessa época.

Notei que Euzébio era um paciente em recuperação lenta, porém auspiciosa. Ao sairmos da ala, tivemos alguns breves momentos de conversa e pude então me inteirar dos detalhes.

- Veja só, Ernance. Ainda ha quem pense nos centros espíritas que nós podemos fazer tudo por aqui no mundo das almas.

Com essa tese absurda, muitos trabalhadores e grupos inteiros tem se afastado da mediunidade socorrista, alegando que o "plano espiritual pode atender a tudo sem participação humana!"

- Compreendo, Dr. Inácio.
- Mal sabem os homens o que significa para milhões de corações apegados a matéria o simples contato com o corpo físico de um médium...
- Não seria o caso de enviarmos algo por escrito a nossos irmãos na Terra?
- Se você quiser "abrir o véu"... Eu de minha parte tenho levado as informações que posso, todavia, já vejo um monte de "lenha armada" entre os puristas da Doutrina para assar o médium e o espírito. Já há quem diga no plano físico, depois das obras que enviei ², que Dr. Inácio não ficou louco quando no sanatório de Uberaba³, mas sua loucura surgiu depois de morto...
- Que nada, doutor. E que tudo tem sua hora.
- Contudo, se desejar transpor as convenções, explique que esse fenômeno assemelha-se muito com o vampirismo, no qual os espíritos sugam forças e sensações dos corpos físicos. A diferença é que fazemos um trabalho de "alocar" o desencarnado nas energias grosseiras emanadas do corpo do médium, no intuito de aplacar necessidades muito específicas de almas ainda muito presas a sensações.
- Isso não daria um efeito contrário, ou seja, a entidade auxiliada não ficaria com mais desejo ainda de continuar cultivando essas impressões?
- O corpo físico, para quem dele não se desprendeu mentalmente, pode ser chamado de um vício. Talvez, Ernance, o mais velho vício de todos - exclamou o experiente diretor em tom quase poético.
- A psicofonia então ainda é uma mediunidade muito necessária, será isso?
- Não é psicofonia, e incorporação mesmo, e não se assuste de dizer. Como falam os umbandistas, sem nenhum exagero, os médiuns nessa circunstância se tornam "cavalos" ...
- Não corre o risco de lhes fazer mal?
- Boa pergunta, amiga! Boa pergunta! Se isso for uma possibilidade, então nem tentamos.
- E o que determina essa questão?
- A qualidade do médium. Já pensou se vou colocar uma criatura como Euzébio, que foi um "alambique ambulante", ao lado de um médium que adora bebericar umas e outras?!
- O que há de tão especial no corpo dos médiuns que aplaca as sensações de apego dessas criaturas?
- Energia, minha filha. Muita energia de teor incomparável a qualquer uma das formas de forças que são capazes de criar as nossas máquinas avançadas em nosso plano. Mesmo aqui a natureza não pode ser imitada com perfeição. Corpo é corpo, criação divina e natural. Não existe nada igual. Levamos muitos deles as reuniões bem conduzidas apenas para o contato. Alguns nem se comunicam.
- Essa seria então a explicação para alguns desconfortos físicos dos médiuns?
- Que nada! Esse é apenas um dos infinitos casos que podem dar um bocado de "dor de cabeça" aos médiuns.
- Qual o índice de melhora dos assistidos?
- Pergunta difícil, todavia posso te afiançar, Ernance, que existe um caso, que, aliás, tem avolumado a cada dia, de almas que só podem ser atendidas por esse processo, cujo resultado é imediato e muito satisfatório.
- Seriam os suicidas?
- Os suicidas hoje já dispõem de muitos recursos, graças ao avanço dos casos que ensinaram o erguimento de muitas obras de amor e tecnologias próprias, que os livram pelo menos dos pesadelos, conquanto a dor seja quase a mesma. Falo dos casos de "hibernação psíquica" na nossa ala de hebetados, mais abaixo de nossos pés. Espíritos que já se esqueceram do que é a sede, a fome, a dor, a alegria, o descanso. Vivem "fora desse mundo". Muitos já não reencarnam há mais de 10.000 anos. São casos que os centros espíritas raramente têm atendido, considerando o despreparo dos médiuns e a falta de visão sobre a realidade extra física. Os espíritas, você sabe, acham que sabem tudo sobre plano espiritual, somente porque atendem aquele monte de "almas penadas" que ficam pedindo

lenço e colo para desabafarem suas magoas - como de costume Dr. Inácio não deixava sua autenticidade e objetividade.

- Seria demais dizer que esses casos de incorporação seriam "obsessões temporárias ou programadas"?

- Nos casos de médiuns ajustados, sim, porque o que eles passam no campo mental é um clima de "esquizofrenia relâmpago" enquanto sob ação dessas criaturas. Contudo, os casos de muitos médiuns que "deram adeus a Jesus Cristo" e ficaram com seu personalismo caminham para o que ocorreu com Julio e Euzébio, que acabamos de visitar: uma "obsessão compartilhada" que continua além paredes do próprio túmulo.

- Que condição específica teriam que cuidar os médiuns para se apresentarem em boas condições nessa tarefa?

- Frequentar menos churrascos e abandonar a cervejaria das ilusões. Fazer sexo somente para viver em relativa paz e não viver para pensar em sexo. Quanto ao cigarro nem vou falar, porque não sou autoridade no assunto (4). Disciplinar os prazeres da carne para que tenham objetivos enobrecedores e educativos, eis a questão.

- Quer dizer que os médiuns que ainda experimentam essas vivências do homem comum não apresentam muita utilidade nessa tarefa?

- Depende de seu sentimento. O corpo não purificado é para essas almas um imã de atração poderosa que lhes estimula e gratifica sem o saberem as causas, entretanto, com aqueles medianeiros que guardam o vaso físico santificado pela conduta reta, os sentimentos são como "mãos" a direcionar esse imã para o Mais Alto. Nesse último caso, cada contato vale por uma intensa e vigorosa ordem de elevação, despertando o desejo de crescer e recomeçar nos assistidos. Outro tanto é preciso dizer que ta cheio de fumante indo para as mediúnicas com o coração repleto de amor e acabam servindo do mesmo jeito, na falta de alguém em condições mais apropriadas. Evidentemente, nesse caso, os riscos são enormes.

- Que riscos?

De o comunicante gostar do médium e o médium do comunicante. Nesse caso a incorporação pode avançar para uma "baita" obsessão. Por isso preferimos analisar cada história e cada médium. Em resumo, posso lhe adiantar que os instrumentos mediúnicos para esse mister são poucos.

- Julio seria um desses casos?

- Não. Julio é daqueles casos que são a maioria. Nem trabalhou quanta podia e nem se livrou do que devia. Qualquer forma de distanciamento do vício físico para os médiuns ou "não médiuns" é sempre saudável, no entanto, somente a consciência clara das razões de deixa-los para sempre é que trarão mudanças em sua matriz, o sentimento. Por mais esclarecimento, se não sentimos a vontade de mudar, não mudamos. É preciso sentir, porque no fundo a raiz de todos os vícios está no sentimento de egoísmo.

Ao terminar sua fala sempre contagiante e descontraída, Dr. Inácio Ferreira ainda acrescentou:

- E por essas e outras infinitas razões, minha amiga, que já não podemos mais permanecer no silêncio pernicioso que caminha para a convivência. O imaginário dos espíritas sobre a vida além da morte, apesar de ser rico em informações, anda distante daquilo que realmente vem sucedendo a quantos são envolvidos por fora pelas claridades do Espiritismo, mas que descuidam do serviço de se iluminarem por dentro. Diria até que a questão é um pouco mais grave, isto é, para a maioria deles tem sido mesmo difícil é discernir quando estão iluminados por fora ou por dentro...

As observações do ilustre Dr. Inácio são um roteiro claro e precioso que endossa a pequena frase da codificação: *"Aquele que, médium, compreende a gravidade do mandato de que se acha investido, religiosamente o desempenha."*

(1) Devotado trabalhador espírita da cidade de Uberaba.

(2) Obras mediúnicas enviadas pelo médium Carlos A. Baccelli cujos títulos são: "Sob as Cinzas do Tempo", "Do outro lado do Espelho", "Na Próxima Dimensão".

(3) Referência ao tempo em que era diretor do Sanatório Espírita de Uberaba.

(4) Dr. Inácio relata nas suas próprias obras, acima referidas, o seu drama pessoal com o tabagismo.

AS MELHORES RESPOSTAS DO IMBASSAHY

Carmem Barreto

II-CARNAVAL

E por falar em proibição, ha dias me perguntaram se o Espiritismo proibia o Carnaval.

O Espiritismo proíbe o mal, ou melhor, diz aos homens o que o mal acarreta. Faz ver que a desonestidade, a falsidade, a inveja, o perjúrio, a vingança, a perversidade, o crime conduzem o homem a grandes sofrimentos.

A Doutrina lhes mostra o caminho: não obriga, eles que o sigam como puderem.

Quanto à questões mundanas, e em especial a esses divertimentos que poderemos chamar pagãos, por serem resquícios do paganismo, não haverá mal neles se o individuo não cair nas faltas, excessos e distúrbios que os tornam detestáveis.

Eu não lhes acho graça nenhuma e fujo deles tanto quanto me seja possível. Penso, porem, que cada qual esta no seu direito de apreciá-los; há cidadãos que têm a alma carnavalesca, como há a alma futebolesca. Não percebo jeito de desenraizar-lhes o gosto. Trata-se de um divertimento, e, para aqueles que não têm outro, ou não acham prazer em outro, seria, até, desumanidade vedá-los.

Que ao menos, porem, não se maculem nas orgias que ele desencadeia, nas paixões que desperta, nos abusos que promove.

*CHICO
E
EMMANUEL*

Carlos Baccelli

"Eu me referi ao nosso caro Prof. Erú a um incidente ocorrido quando eu estava ainda nos 15anos de idade e, ainda assim, sem a benção do Espiritismo em nosso caminho. Eu sofria então naquele tempo de influencias espirituais, às vezes, muito deprimentes e chegou uma semana em que eu sofri um pouco mais aquelas influencias, um tanto quanto perturbadoras, que me abateram bastante; era justamente a época do Carnaval. Chegou quinta feira, passei assim em dificuldade, sexta-feira a luta se agravou; sábado se agravou muito mais; domingo, segunda, terça-feira e apenas na quarta-feira encontrei melhoras. Guardei aquela observação, depois da mediunidade, quando o Espiritismo já havia aparecido como Luz nas sombras do meu caminho. Então perguntei a um Amigo Espiritual a razão daquele caso. E ele me explicou que aquele agravo de meus padecimentos com influencias espirituais deprimentes, tinha causa no seguinte; é que na pequena terra onde reencarnei nesta existência, havia somente um Templo de atividades cristãs e, durante o Carnaval, esse templo havia cerrado as portas para não se contaminar com as vibrações dos foliões, dos amigos do Carnaval. De modo que, como o Templo havia fechado as portas, a cidade estava como que desprovida do socorro da oração e as forças espirituais perturbadoras como que se assanharam, como que se libertaram com mais intensidade e as criaturas que estavam com fenômenos mediúnicos sem a educação necessária, sofriam naturalmente os efeitos daquele abandono da oração. Estávamos conversando então sobre oração, pois que nosso Emmanuel diz que nós precisamos cultivar a oração. Agora, cultivar a oração como Jesus cultivou, isto é, trabalhando. Jesus nos ensinou a orar; orar muitas

vezes. Foi quem mais nos falou com tanta grandeza sobre a oração. Mas também não descansou, não procurou o seu próprio bem estar.

Viveu para os outros de modo que a oração com serviço é o caminho de nosso pensamento nesse mundo."

Devassando o Invisível

Yvonne A. Pereira

.....Acreditamos, mesmo, que tais falanges influenciam, durante o carnaval, os incautos que se deixam arrastar pelas paixões de Momo, impelindo-os a excessos lamentáveis, comuns por essa época do ano, e através dos quais eles próprios, Espíritos, se locupletam de todos os gozos e desmandos materiais, valendo-se, para tanto, das vibrações viciadas e contaminadas de impurezas dos mesmos adeptos de Momo, aos quais se agarram.

NOVAS MENSAGENS

Francisco Cândido Xavier

O Carnaval do Rio

Carnaval no Rio de Janeiro, em 1939, foi mais uma nova realização da alegria carioca, entornando nas almas da agigantada Sebastiãoópolis o vinho dos prazeres fáceis e das vibrações ruidosas, que produz o temporário esquecimento das mais nobres responsabilidades da vida.

Um escritor, encarnado ou desencarnado, que venha falar contra os excessos do período carnavalesco, no Rio, costuma perder o seu tempo e o seu esforço sagrados.

Os três dias de Momo são integralmente destinados ao levantamento das mascaras com que todo sujeito sai á rua nos demais dias do ano, e a maioria dos leitores não deseja sacrificar a paz de seus hábitos mais antigos. Mate-se o vizinho, gritem as estatísticas, protestem os religiosos, chorem os foliões que não puderam sair da intimidade doméstica, o imperativo do momento é buscar o turbilhão da Avenida ou descer dos morros pobres e tristes para a Praça Onze, em face do apelo irresistível de Momo e de seus incontáveis seguidores.

Tanto cuidado dedicou-se no Rio ao reinado bufo, que o governo amparou as tendências generalizadas do povo, porque o homem da administração, preocupado com os fenômenos diplomáticos e com as tabelas orçamentárias, não dispõe de tempo para atender ao total das necessidades dos governados, apreciando, pela rama, as suas predileções, cumprindo a sua psicologia política satisfazer exigências populares, para que as massas o deixem em paz, na soledade do gabinete, dentro da solução dos seus graves problemas administrativos de ordem imediata. Foi assim que atraímos grandes correntes turísticas, não mais para a contemplação das belezas topográficas da cidade valorosa de São Sebastião, mas para o conhecimento das paixões desencadeadas do nosso povo em meneios de Terpsicore africana.

Neste ano, intensificaram-se as folganças, com a nota dos marinheiros ianques e suecos, que se entregaram totalmente à folia.

O movimento carioca causou uma vida nova. Não faltou mesmo a nota alegre e pitoresca da criança que nasceu em Niterói, em plena rua, sobre um leito improvisado de serpentinas. Os jornais e as estações radiofônicas não tiveram outro assunto que não fosse o da vitória de Momo no seu reinado extravagante de orgia. Os comerciantes se pronunciaram. A cerveja, o chope e outras

bebidas tiveram o consumo aproximado de cinco milhões de garrafas. Movimentação extraordinária e lucros assombrosos. Prosperaram os negócios da Central e da Cantareira.

Houve, porem, outra estatística menos conhecida.

O Delegado de Menores recebeu quatrocentas e doze reclamações, sobre crianças desaparecidas. Só no Posto Central da Assistência Municipal foram atendidas mais de mil e cem pessoas. A par da progressão dos negócios, multiplicaram-se as agressões, proliferou o crime, intensificaram-se as quedas na via publica, os acidentes de toda natureza, os desastres de automóveis, as expressões de alcoolismo, as tentativas de suicídio, as intoxicações, os casos de hospitalização imediata, sem nos referirmos aos dolorosos dramas da sombra, que ficaram na penumbra, receosos da inquirição policial e da critica dos vizinhos.

O carnaval passou qual onda furiosa, levando, como sempre, todos os bons sentimentos ainda vacilantes, que aguardavam a ancora da fé pura, a fim de se consolidarem no mar infinito da Vida.

Diante das vibrações carnavalescas do povo carioca, nós nos calamos, porem, como o homem que lastima as irreflexões de um amigo, silenciando, quanto ao seu proceder, em face das qualidades generosas que lhe exornam a personalidade.

Somos dos que crêem na eficácia da educação para o extermínio completo desses excessos dolorosos, porquanto todo o problema é de ordem educativa.

A propósito dessa necessidade imediata do nosso povo, aprez-me recordar, nesta pagina, a lenda da maçã podre, que li, alhures, sem poder determinar, no momento, o objeto preciso de minha lembrança.

Reunidos na praça publica, alguns velhos patrícios romanos falavam dos desvios do Império e da penosa decadência dos seus costumes em família. Alguns, possuidores de esperança, apelavam para a guerra ou para novos decretos de força que compelissem os seus compatriotas ao cumprimento dos mais sagrados deveres da existência. Contudo, um dos componentes do grupo tomou de uma grande maçã podre, exclamando:

- Esta maçã, meus amigos, é o símbolo do atual Império. Nunca mais voltaremos ao seio das nossas antigas tradições! ... No dia em que esta fruta voltasse a ser bela, retomando a sua pureza primitiva, também teríamos restaurado a alegria de nossa vida, com a volta aos sagrados costumes!...

Os companheiros seguiam-lhe a palavra, com atenção, quando o mais velho e o mais experiente de todos respondeu com austera nobreza

-"Enganais-vos, meu amigo!... Poderemos renovar a nossa vida, como essa fruta poderá vir, mais tarde, a ser nova e bela. Tomemos as sementes desta maçã condenada e deitemo-las, de novo, no seio da terra generosa. Cultivemos os seus rebentos com cuidado e amor e, sob o amparo do tempo, o nosso esforço vê-la-á multiplicada em novas maçãs frescas e formosas!... Façamos assim também com o nosso povo. Busquemos semear na ala das gerações florescentes os princípios sagrados de nossas tradições e dos nossos hábitos e, mais tarde, toda podridão terá passado na esteira do Tempo, para caminharmos pelo futuro a dentro com a pureza do nosso idealismo!"

O carnaval é a maçã podre do Rio de Janeiro. Na sua intimidade, porem, esta a semente generosa dos elevados sentimentos da alma brasileira. Cultivemos essas sementes sagradas no espírito das gerações que surgem. Que se congreguem todos os núcleos do bem e, muito especialmente, os do Espiritismo cristão, para as sublimadas realizações desse grande labor educativo, e a podridão terá passado com o tempo, a fim de que possamos trabalhar, em nosso sagrado idealismo, sob as luzes generosas e augustas do Cruzeiro.

Vida e renovação

Clayton B. Levy

Era fevereiro. Um bloco carnavalesco avançava pelas ruas da cidade. Cerca de cem integrantes fantasiados, cantavam, dançavam, sorriam. O bloco de desencarnados, porem, era muito maior. Aproximadamente quinhentos espíritos acompanhavam o grupo, numa perfeita simbiose.

Em comum entre encarnados e desencarnados, havia o desconhecimento sobre onde acaba a alegria e começa o abuso. Contagiante, o bloco de "vivos" e "mortos" prosseguia.

.....

Um jovem, na casa dos dezesseis anos, observa a folia sentado na sarjeta. Embora nascido em berço de ouro, era desnudo de afeto e subnutrido de educação. Atendendo a ordem de espíritos zombeteiros, um dos integrantes do bloco convida o adolescente a dançar. Oferece-lhe um cigarro recheado com erva alucinógena. Dança, canta e ri. Não sabe que, mais tarde, seu vício sustentará traficantes, enquanto aproveitadores desencarnados o atirarão em perturbações de conseqüências imprevisíveis.

.....

Mais adiante, outra jovem assiste a turba. Na véspera, havia sofrido terrível desilusão amorosa, que lhe destruíra os mais singelos planos de felicidade. Abatida, atira-se ao bloco, numa atitude mais de desespero do que de alegria. Dança, canta e ri. Retorna ao lar e, embriagada e deprimida, põe fim à vida cortando os pulsos.

.....

Num bar de esquina, mais um transeunte se interessa pela algazarra. Depois de alguns goles, atende ao chamado de entidades fanfarronas e junta-se ao bloco. Dança, canta e ri. De volta para casa, encontra a esposa chorando seu abandono. Mantém breve discussão com a companheira para, logo depois, deixar o lar, levado pelo efeito do álcool.

.....

O bloco passa. Todos dançam, cantam e riem. Ninguém sabia, porém, que naquele dia, em menos de uma hora, a cidade ganhara uma suicida, um viciado e um lar destruído.

01/03/92